

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MARCIA CRISTINA DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO SÓCIO AFETIVA NO PROCESSO DE  
ENSINO- APRENDIZAGEM**

**CURITIBA**

**2014**

**MARCIA CRISTINA DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO SÓCIO-AFETIVA NO PROCESSO DE  
ENSINO - APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Pós  
Graduação em Coordenação  
Pedagógica da Universidade Federal  
do Paraná.

Orientador: Antonio Charles  
Santiago Almeida

**CURITIBA**

**2014**

[]

“Eu quero desaprender para aprender de novo,  
Raspar as tintas com que me pintaram,  
Desencaixotar emoções, recuperar sentidos”

Rubem Alves

## RESUMO

Esse trabalho de pesquisa apresentou como meta analisar a Dificuldade de aprendizagem de uma criança de dez anos que apresenta transtornos emocionais. A coleta de informações foi realizada em uma escola pública no município de Piraquara e abrangeu como objetivos: investigar as dificuldades de aprendizagem causadas pela falta de afetividade e emoção, apontar os problemas e conflitos que levam a criança a apresentar um quadro de dificuldade de aprendizagem, compreender qual a responsabilidade da família mediante o problema de aprendizagem, considerar a prática do professor perante essa dificuldade e entender como se dá o desenvolvimento da criança na perspectiva de Henri Wallon. Para fundamentar a pesquisa foram usados, principalmente, os autores: Barbosa (2001), Smith (2001), Almeida(1999), Chamat( 1997). A pesquisa é qualitativa e a pesquisadora utilizou como técnica de coleta de informações a entrevista e a análise documental, constituindo-se num estudo de caso. Este estudo de caso foi caracterizado por três fases: exploratória, sistemática e elaboração de relatório. Os resultados mostraram uma desestrutura familiar, assim como uma relação afetiva bastante frágil entre a criança e os pais, fatores esses que geraram um transtorno emocional e, conseqüentemente, uma dificuldade de aprender. Há uma necessidade de um acompanhamento pedagógico para a criança e sua família a fim de minimizar esses transtornos.

**Palavra-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Emoção. Afetividade. Família.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente o termo "relação sócio-afetiva" é bastante focado por pesquisadores, mas Smith diz que o público em geral não entende a amplitude do termo. Algo que ocorre regularmente em meio aos educadores é o fato de rotularem crianças com mais energia ou até mesmo indisciplinadas como crianças com uma dificuldade de aprender. A ineficiência dos métodos usados, a falta de um olhar individualizado e a falta de recriar constantemente suas práticas, também pode levar esses profissionais à falsa impressão de que o problema está no aluno. Embora eles tenham um importante papel na vida da criança, não são os únicos e nem os principais formadores do sujeito, pois cabe à escola, a formação do conhecimento.

O modelo padrão de família que tínhamos antigamente era o de pai e mãe, hoje esse modelo não se enquadra mais nos padrões da sociedade, pois os valores dessa instituição estão tão desvalidos, o que gerou um desequilíbrio na estrutura da mesma, fato esse também percebido no ambiente escolar. Com isso, a escola perdeu seu real sentido que era o ensinar, e passou a assumir o papel de principal educadora. Independente dessa inversão de papéis, ambos devem estar atentos às dificuldades que a criança possa vir a enfrentar, pois quando realmente há essa dificuldade de aprendizagem, não somente a escola como propulsora do conhecimento, mas a família tem importantes papéis na vida dessa criança, e a falta de empenho de ambos os lados podem gerar sérios danos no desenvolvimento do aluno.

Quando alguma dessas relações não está sadia, conseqüentemente isso se revelará na elaboração do conhecimento. Afirma que a criança é fortemente influenciada pelo tipo de relação que mantém com sua família (ALMEIDA1999)

É importante lembrar que a emoção está fortemente ligada à inteligência, por isso, pode-se afirmar que uma alteração emocional, pode refletir na aprendizagem da criança. Almeida (1999, p. 105) afirma que: "O desenvolvimento da inteligência implica necessariamente uma evolução da afetividade. Essa parceria na evolução é conseguida mediante a reciprocidade que existe entre ambas no início da vida".

Pensando na aprendizagem como consequência de relações emocionais e saudáveis, faz-se necessário o questionamento: **O que leva uma criança de dez anos de idade a apresentar dificuldades na aprendizagem?**

Ao deparar com uma situação conflitante, o pesquisador busca nos referenciais teóricos conhecer e intervir para a compreensão do problema ora surgido. Pode-se dizer que toda pesquisa, em sua essência e, quando bem estruturada, pode modificar uma prática deficiente ou até mesmo auxiliar a encontrar deficiências que não eram percebidas.

Através do convívio diário da pesquisadora com educadores e um diálogo que proporcionava troca de experiências, notou-se que a maior indagação feita por esses profissionais era a compreensão de como se dá a aprendizagem e por que, em muitas situações, ela não ocorre. Verificou-se,

então, que a busca desses professores para solucionar dificuldades de aprendizagem é notória.

O que chamou a atenção da pesquisadora foi não somente o que gera essas dificuldades de aprendizagem, mas que fatores contribuem para o agravamento das questões sócio-afetivas. Percebendo que o sujeito é um ser social e que suas relações sócio-afetivas são essenciais para um desenvolvimento sadio, um dos fatores que deveria ser considerado é sua relação com sua família, que deve ser a base de tudo.

Ao notar em seu ambiente de trabalho um caso de uma criança de dez anos que tinha um comportamento e desenvolvimento aquém do esperado, surgiu o interesse em compreender que fatores levavam aquela criança a apresentar tais dificuldades.

O estudo de caso pode contribuir para estudos posteriores, além de ser uma fonte de troca de experiências que podem e devem ser feitas por docentes e pesquisadores que buscam aperfeiçoar suas práticas.

Ao compreender as causas das dificuldades do aluno em questão e os fatores emocionais que o levaram a desenvolver esse quadro, assim como os referenciais teóricos que sustentam a pesquisa, pode-se afirmar que o olhar na vivência diária será certamente mais crítico.

Por estas razões foi escolhido o tema de pesquisa ao considerar relevantes a verificação da trajetória dos conhecimentos adquiridos no curso superior e a prática realizada dentro da escola, a fim de que haja uma real qualificação e entendimento do que ocorre em sala de aula e no processo de aprendizagem da criança.

Considerar a prática pedagógica do professor mediante a dificuldade de aprendizagem do aluno; e) Identificar como se dá o desenvolvimento da criança na perspectiva de Henri Wallon.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e será descrita em sete seções. O primeiro tratará dos transtornos emocionais que podem ser a causa das dificuldades de aprendizagem. O segundo definirá a aprendizagem. O terceiro abordará a dificuldade de aprender e por que isso acontece. O quarto explicitará o papel do professor mediante essas dificuldades e qual sua função como mediador do conhecimento. O quinto tratará sobre o desenvolvimento infantil na perspectiva de Henri Wallon. O sexto abordará a metodologia

adotada pela pesquisadora; o sétimo será explicitado através da análise de dados um compreensão dos problemas pelos quais o aluno pesquisado se defronta. O sétimo e último capítulo serão feitas considerações finais relevantes.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 TRANSTORNOS EMOCIONAIS**

Ao longo dos vinte anos presenciamos as mais diversas mudanças na estrutura familiar: ao contrário do que era visto como uma família padrão, hoje notamos que esse modelo, infelizmente, não existe mais. Pais separados, mães ou pais solteiros dão origem a uma família. A normalidade com que é visto o divórcio é uma das mudanças radicais que mudou drasticamente a estrutura familiar.

Uma das causas de depressão em crianças pequenas está associada a uma perda emocional, ou separação de uma pessoa amada que em muitos casos é substituído de forma inadequada, o que gera insegurança e ansiedade nos pequeninos. (GAY E VAGELS, 1999)

A criança, nesse caso, torna-se uma vítima da situação, seu emocional fica abalado e seu desempenho escolar pode ser prejudicado. Segundo McCaffrey(1999) esse processo de separação acarreta danos inevitáveis e a adaptação da criança a essa nova situação é lenta sendo necessária uma atenção especial dos familiares e também da escola. A parceria dos familiares e professores é uma importante alternativa para ajudar a criança que sofre emocionalmente ou até na prevenção de sintomas gerados pela insegurança. Fernández citado por Barbosa (2006, p.47) nos alerta sobre o fato do professor ser um observador e parceiro para auxiliar essa criança nesse momento de angústia, uma vez que isso atinge diretamente seu desempenho escolar. Para que isso ocorra, esse profissional deve estar atento à dinâmica da família: “entender como se dá a dinâmica familiar, para aprender e lidar com as

novidades e resolver problemas, auxilia na compreensão do funcionamento do aprendiz para o aprender”

Uma das tantas outras dificuldades é quando a criança perde a confiança, identidade e valor individual, que é gerado pela falta de atenção dos pais. Brenner citado por Aquino (1907, p. 49) descreve alguns estágios pelos quais a criança pode passar quando se trata de traumas. O primeiro estágio é o do casamento conturbado - nessa fase a criança pode testemunhar diversas agressões que podem vir a refletir em seu comportamento. Alterações comportamentais e emocionais devem ser percebidas e tratadas por professores e especialistas da área a fim de não gerar na criança transtornos mais graves. Os autores abaixo demonstram tais alterações que ocorrem com essas crianças e as diferentes formas de manifestação nelas ocorridas:

Algumas crianças podem tentar gerar crises, quebrar esse silêncio ou desviar a atenção das hostilidades. Algumas imitam comportamento irritado, escandaloso dos pais, outras ficam retraídas, e outras, ainda são obrigadas a tomar partido na guerra conjugal. Com frequência, as mudanças no comportamento da criança podem alertar o professor para o fato de que as coisas não vão bem em casa, que ela talvez esteja precisando de uma oportunidade para revelar as suas preocupações a um adulto em que confia. (MCCAFFREY E COLLINS, 1999, p.49)

O segundo estágio é o da separação em que a tendência é a dos pais ficarem ausentes pelo fato de terem muitos problemas, o que pode gerar na criança uma sensação de perda ainda maior. O que a criança precisa nesse estágio é informação a respeito do futuro, pois tendem a criar expectativas da reconciliação de seus pais. Cabe aos professores criar um ambiente agradável na escola uma vez que os pais têm dificuldades em ajudá-las nesse momento conturbado.

Durante o divórcio casal tende a se envolver no processo de separação ao invés de preocupar-se com o aspecto emocional dos seus filhos. Alguns aspectos são perceptíveis quando há esse tipo de conflito na família, por isso a escola deve estar atenta as mudanças que podem ocorrer. Dificuldades financeiras e falta de participação na escola devem ser entendidas como dificuldade que a família passa diante de um momento tão turbulento e com implicações dramáticas.



Ao confrontar-se com essas situações, a criança pode recorrer emocionalmente a pessoas do âmbito escolar e a rotina dessa escola pode se tornar uma fuga para ela. O professor deve se inteirar da situação a fim de remediar os problemas enfrentados por essa criança, pois seu comportamento em sala possivelmente mudará, podendo tornar-se briguenta e agressiva com os demais colegas. Barbosa (1907, p. 60) confirmou isso após algumas pesquisas realizadas, percebendo que algumas características podem surgir na criança quando ela está passando por dificuldades em casa:

Os sintomas mais comuns a todos foram: desligamento na dinâmica a ser realizada; desejo de fazer apenas o que quer; dependência diante dos desafios; falta de preocupação com o acabamento da tarefa quando se vê forçado a fazê-la; passividade ou agressividade; dificuldades para aprender; tendência a ficar só; tristeza. (BARBOSA, 1907, p. 60)

Para entender melhor como são as reações da criança mediante uma separação conjugal, veja o quadro abaixo. (McCaffrey e Collins 1999, p. 58):

<b>Idade</b>	<b>Pensamentos</b>	<b>Sentimentos</b>	<b>Comportamento</b>
Pré - escolar (até 6 anos)	Os processos de pensamento ainda estão num nível muito egocêntrico. E concreto. Tendem a medir o amor pela proximidade física. De forma ideológica, mas sensível, presumem que isso deve ter acontecido por causa de alguma coisa errada com elas.	Incompreensão, culpa por causa do divórcio, medo, confusão, frustração. Medo de perder o pai /mãe que ficou. Preocupadas e com ciúmes de que o pai ausente possa ter encontrado uma criança “melhor” para amar.	Regressão a comportamentos anteriores. Ansiedade provocada pela separação. Distúrbios de sono. Perda do prazer de brincar. Brincadeiras agressivas. Possivelmente a causa das dificuldades em um início lento na escola.
5-8 anos	Ainda que egocêntricas, porém mais conscientes do conflito parental. Agora, acreditam que foi o seu comportamento que provocou as brigas entre os pais, levando à separação. Essa lógica as leva a acreditar que podem fazer alguma coisa que proporcione a reconciliação. Aham	Assustadas. Desorganizadas. Aflitas. Fantasias de reconciliação. Inibem a agressão contra o pai, mas ficam zangadas com a mãe. Conflitos de lealdade. Preocupam-se com a frequência com que encontrarão o pai ou mãe ausente.	Os meninos desabafam os sentimentos agressivos em objetos em vez de fazê-lo nos colegas. As meninas ficam mais ligadas à mãe. Mas, quatro a dez anos após o divórcio, as reações retardadas podem ser: baixa concentração, desempenho

	que a duração e a frequência das visitas do pai e mãe ausente dependem do seu comportamento durante as visitas. O fracasso fará com que o pai ou mãe ausente encontre outra criança para amar.		insatisfatório, comportamento agressivo e disruptivo, particularmente nos meninos. Os meninos lidam melhor do que as meninas com um novo casamento.
--	--	--	---

**Quadro 1 - Reação das crianças à separação conjugal de acordo com a idade. Algumas reações típicas.**

**Fonte:**

Por isso cabe ao professor a importante função de observar, não olhar para o aluno de forma passiva, mas tentar descobrir as causas que geraram as mudanças drásticas em seu comportamento. McCaffrey e Collins (1999, p. 53) nos levam a refletir sobre a importância de observar nossos alunos: “Atenção às mudanças de comportamento. Uma repentina deterioração no rendimento escolar ou mau comportamento podem ser um primeiro sinal de que existem problemas em casa”.

Outra característica que pode levar a criança a um transtorno emocional é a depressão. Embora alguns autores acreditem que a depressão sofrida pelas crianças não é significativa, essa tem sido uma grande preocupação de estudiosos, professores e psicólogos. Gay e Vogels (p.65) acreditam que a depressão pode existir por si só ou com algumas dificuldades, tais como gravidez na adolescência, uso de substâncias químicas, tentativas de suicídio, entre outras.

Cada idade tem uma maneira de manifestar essas características que podem variar de acordo com o nível de desenvolvimento dessa criança, como por exemplo, a tristeza, sintoma de uma depressão, e que pode gerar problemas diretamente ligados à rotina escolar, tais como o desinteresse pelas atividades. Kazdin citado por Gay e Vogels (p. 66) define a depressão:

Depressão pode ser classificada como sintoma ou doença, ou, no caso da infância e adolescência, como uma síndrome de sintomas combinados. Na sua forma mais simples, a tristeza, como manifestação na depressão, é a parte de um conjunto maior de problemas que inclui a perda do interesse em atividades, sensação de inutilidade e impotência, distúrbios de sono, mudanças no apetite, problemas comportamentais e queixas psicossomáticas.

Além da depressão, muitos são os conflitos que podem contribuir para gerar problemas emocionais. Knapman (1999) diz que na Grã-Bretanha, cerca de cinquenta crianças sofrem a morte de um dos pais. Em um país como o Brasil que tem quase doze vezes mais de população que a Grã-Betanha, esse número se torna exorbitante. Abandono ou separação que são perdas irremediáveis tal qual a morte, vem se tornando cada vez mais comum em nossa sociedade, e as implicações emocionais geradas nas crianças são bastante preocupantes.

O autor citado anteriormente explica um pouco sobre os quatro estágios que, segundo ele, uma pessoa que sofre uma perda séria pode passar.

O primeiro é o estado de choque que é caracterizado pela negação emocional total. Para ele, a pessoa fica como que em piloto automático, agindo naturalmente em sua rotina como se nada tivesse ocorrido. Esse estágio pode durar horas ou até semanas.

O segundo é a raiva e sensação de injustiça que é caracterizado por perguntas tais como: por que eu?

Passando por essa fase a pessoa muitas vezes precisa achar um culpado, alguém que possa depositar sua raiva. A criança que passa por esse momento pode ficar irritada com seus amigos ou professores, além de apresentar sintomas físicos.

A tristeza, sofrimento e saudade são características do terceiro estágio que pode causar momentos de depressão e solidão, que faz com que a criança negue o fato da perda e busque lembranças que a faça lembrar-se da pessoa amada.

A última fase é a de reconstrução que é conquistada aos poucos, momento esse que há indícios de atitude e esperança renovada.

Para saber lidar com essas situações diariamente, a escola precisa estabelecer uma rotina previsível e os professores devem estar atentos às necessidades emocionais que esse aluno vai demonstrar.

No curso normal da vida escolar haverá muitos incidentes e ocasiões em que o professor sensível poderá oferecer informações e conhecer os diversos sentimentos gerados pela perda, separação ou luto. Haverá oportunidades para mostrar que precisamos ter consideração pelos sentimentos das outras pessoas, sendo gentis e prestativos quando os outros estão tristes. (KNAPMAN, 1999, p.131)

Uma vez conhecida as implicações dos transtornos emocionais na vida de uma criança, nos deparamos com a questão: Qual o impacto dessas vivências emocionais no processo ensino-aprendizagem?

Inicialmente será conceituado o processo de aprender.

## 2.2 O APRENDER

Após inúmeros estudos sobre o processo do aprender, não é possível chegar a uma única concepção de aprendizagem. Dias (2008) assinala que a aquisição do conhecimento é um processo contínuo e perpassa toda a vida do indivíduo. Não se pode medir a aprendizagem de um aluno após um ou dois anos de convivência, nem tampouco atribuir a dificuldade somente à situação familiar que, por vezes, é problemática. O ser humano é construído socialmente e biologicamente e isso pode caracterizar ou não uma dificuldade de aprendizagem.

Mas a partir de qual momento podemos dizer que a criança começa a aprender, ou quando se pode estabelecer que uma criança possua dificuldades de aprendizagem?

A aprendizagem ocorre diariamente. Desde o momento da concepção pode-se dizer que o indivíduo aprende, processo este que se estende ao longo da existência, podendo ocorrer com ou sem a interferência de uma pessoa. Essas aprendizagens podem ser definidas como:

Um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. (DEMO, 2000.)

Pensando na aprendizagem como processo de mudança de comportamento que é visível aos olhos do grupo em que vive, pode-se afirmar

que toda aprendizagem, independente da intensidade, tendo uma intenção é significativa.

A aprendizagem significativa seria, pois, considerada uma aprendizagem que tem sentido para um sujeito aprendiz e para um sujeito que ensina, provavelmente a partir do significado existente para o grupo social do qual fazem parte. Assim, toda aprendizagem que é realizada a partir de esclarecimentos e compreensão da sua necessidade é uma aprendizagem significativa. (BARBOSA, 2001, p.33):

O dicionário Melhoramentos, da Língua Portuguesa, define o aprender como ficar sabendo; reter na memória; tomar conhecimento. Com isso, pode-se afirmar a partir do conceito deferido, que toda aprendizagem é significativa.

Toda criança tem prazer em aprender, seja algo insignificante aos olhos de quem a observa. Todas as descobertas são de grande valia.

Chamat (1997, p. 83) fala sobre modelos de aprendizagem, que são definidas por ela como formas de comunicação que ensinam a criança a perceber e a lidar com o mundo, determinando dessa forma o modo que irá interiorizar significativo e significados, que são suas futuras aprendizagens. A autora ainda acrescenta que esses processos estão muito presentes entre pais e filhos e determinam o modo pelo qual a criança irá encarar sua realidade interna e externa. Para que ocorra a aprendizagem, é necessário compreender como se dá a relação sujeito - objeto, lembrando que a família está diretamente ligada ao processo de aprendizagem de vida da criança.

Os primeiros anos de vida de uma criança, e até mesmo no período intra-uterino, os estímulos que esse bebê receberá irão repercutir no vínculo que essa criança terá com o conhecimento e com os aspectos afetivos de relação. Um parto difícil ou uma rejeição podem causar sérias seqüelas para o desenvolvimento desse novo ser. Chamat (1997, p.86) diz que a falta desses vínculos afetivos estabelecidos pela mãe, pode causar medos e dificuldade ou desinteresse em aprender:

A dificuldade da criança em enfrentar seus medos diante de situações novas e desconhecidas, poderia ser oriunda dessa privação afetiva, impedindo o prazer de penetrar no mundo das idéias, dificultando

novas aquisições pela presença do obstáculo epistêmico (medos e ansiedades paranóides). (CHAMAT,1997. p.86).

Tendo em vista o histórico dessa criança é preciso lembrar que o principal objetivo, independente dos transtornos que possa vir a ter, é o de aprender, função essa que é atribuída hoje principalmente à escola.

A aprendizagem como sendo a preocupação primordial das escolas, traz ao educador a preocupação de um avaliar constante sobre como seu aluno aprende, e se isso não está ocorrendo, à indagação e investigação minuciosa dos motivos. Quando não ocorre aprendizagem por fatores emocionais, tanto o professor quanto a escola devem observar se esse problema não é decorrente de relações doentes, já que esse motivo atinge diretamente a aprendizagem.

[...] a criança não pode aprender, pois o pensar envolve também o entrar em contato com as emoções, o que ela inconscientemente deseja evitar, recalcando as emoções, conseqüentemente, estaria recalcando o pensar. (CHAMAT,1997. p.19).

O aprender está diretamente ligado à inteligência, que por sua vez representa as capacidades lógicas do sujeito e que segundo Almeida (1999, p.83) submete-se geralmente aos caprichos da emoção a qual invade toda área corpórea do sujeito, imprimindo-lhe forma e tensão. Sendo assim, interdependentes, a emoção e a inteligência, devem estar em constante equilíbrio e sintonia, que implica no processo de racionalização, isto é, desencadear a ação da inteligência. A autora (1999, p.88) ainda expõe sobre essa sintonia que deve haver no indivíduo:

Assim, a emoção instiga a inteligência toda vez que a ameaça com sua insubordinada presença na atividade do conhecimento. A inteligência, por sua vez, necessita das tormentas da emoção para ser estimulada a se desenvolver. A emoção impõe à inteligência o desafio de superá-la ao uso de todas as habilidades e capacidades lógicas do indivíduo. Portanto, superar a desenfreada ação da emoção requer a redescoberta, ou melhor, o argucioso uso das potencialidades corticais.

Quando se fala de um conflito, isto é, a falta de controle emocional, pode-se afirmar que a aprendizagem e capacidade lógica do aluno estão

comprometidas. Pichon-Revière (1980) citado por Almeida (1997, p.57) diz que para que ocorra aprendizagem o sujeito deve estar apto para tolerar confusões que, assim como o medo, é entendido pelo autor como medo do desequilíbrio. O autor acrescenta:

[...] para aprender faz-se necessário desenvolver a capacidade em tolerar a confusão e o conflito, dando uma solução a este, evitando-se o uso do controle onipotente que leva à negação da realidade. Do contrário, haverá o recalque do conflito e a criança buscará a homeostase (equilíbrio), porém sem aquisição de um novo conhecimento. (ALMEIDA, 1997, p.57)

O autor ainda acrescenta que muitas dificuldades na estruturação do pensamento ou cognitivos que impedem a aprendizagem deve-se a esses processos de recalque que no ponto de vista psicológico e afetivo-cognitivo ocorrem. A criança para não desequilibrar, recalca o conflito e evita o pensar, estagnando a aprendizagem. Por isso deve-se atentar cuidadosamente para essa criança dentro do contexto familiar e escolar, dando-lhe o suporte necessário para que seu desenvolvimento emocional e cognitivo esteja em uma sintonia saudável. Cabe ao professor perceber o quanto a relação sadia com seu aluno pode ajudá-lo na superação dos conflitos, sendo assim, um parceiro necessário na trajetória de construção do “eu”, tendo em vista que a escola é um espaço de reprodução do meio familiar.

Almeida (1999, p.106) afirma que a escola deve estar atenta a essas inter-relações, e o professor deve reconhecer a importância de seu papel na aprendizagem de seu aluno. O desenvolvimento da inteligência implica uma evolução afetiva, quando há um descompasso entre elas, pode ocorrer a não aprendizagem. Quando há um bloqueio, considerado como dificuldade em aprender algo que é proposto para sua idade, é necessário atentar para os motivos pelos quais essas dificuldades surgiram. A criança passa por várias etapas de desenvolvimento sendo uma delas a da vida escolar, e é nessa fase que podem começar as dificuldades de aprendizagem, definidas por Smith (2001, p.63) como uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desenvolvimento acadêmico: “Uma vez que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de

habilidades escolares básicas, elas podem ser formalmente identificadas até que uma criança começa ter problemas na escola”. Falta de atenção, preguiça, baixo rendimento e conflitos familiares são alguns fatores que podem gerar ou explicitar a dificuldade de aprendizagem, para o autor (2001 p.64) o termo dificuldade de aprendizagem é pouco entendido pelos professores, muitas vezes sendo confundido com a sua falta de capacidade de compreender o aluno. Ele faz uma reflexão afirmando que:

Embora as dificuldades de aprendizagem tenham se tornado foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, elas ainda são pouco entendidas pelo público em geral. As informações sobre dificuldades de aprendizagem têm sido uma penetração tão lenta que os enganos são abundantes até mesmo entre professores e outros profissionais da educação. (SMITH,2001, p.63)

Dentre muitos tipos de dificuldades que podem ser gerados pelo ambiente ou não, pode-se considerar dois bastante encontrados em sala de aula, mas que são pouco percebidos pelos professores, pais e escola, que são os de ordem afetiva e emocional. Esses termos são facilmente confundidos, uma vez que ambos se referem ao aspecto de emoção da criança. Wallon(1994 p.126) citado por Almeida(1999 p.53) explica a diferença dos termos usados em sua pesquisa:

A emoção é a manifestação de um estado subjetivo com componentes fortemente orgânicos, mais precisamente tônicos, é a expressão própria da afetividade. Num termo mais abrangente, inclui sentimentos que são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções das quais se diferenciam nitidamente. (ALMEIDA, 1999 p.53)

Dantas (1993, p.74) simplifica a diferença dizendo que “a emoção estabelece, pois, as bases da inteligência; se identifica com seu desenvolvimento próximo; a afetividade surge como condição para toda e qualquer intervenção sobre aquela”. Quando uma criança passa por conflitos em casa ou até mesmo na escola, pode desencadear problemas emocionais, o que não caracteriza necessariamente um problema afetivo. A emoção tem expressamente sinais que anunciam sua chegada. Almeida(1999,p.75) fala que a emoção é uma espécie de linguagem corporal que se revela aos nossos



olhos e acrescenta dizendo que muitas vezes ficamos apegados a uma linguagem sistematizada e damos pouca importância a linguagem dos gestos, que é um meio revelador de comunicação, principalmente em crianças. A autora ainda define o que é emoção:

As emoções são desordens fisiológicas cuja finalidade é amotinar as disposições e capacidade do indivíduo. Com um redemoinho intempestivo, causa, concomitantemente, revoluções internas e externas. Com efeito, sua expressão é acompanhada de manifestações subversoras. (AUTOR, 200?)

Almeida ainda diz que com a emoção surgem distúrbios motores. Os efeitos da emoção sobre o corpo podem ser menos perceptíveis ou bem transparentes. A autora (1999, p.76) ainda ressalta três tipos de emoções básicas: alegria, cólera e medo. A primeira é uma forma prazerosa de expressão que evolui com a idade, que são consideradas como ondas de contração que o corpo revela ao ser submetido a carícia ou situações de bem-estar, a alegria caracteriza-se pelo escoamento do tônus em função do equilíbrio mantido entre a atividade postural e de relação.

A cólera tem raiz na sensibilidade orgânica e apresenta-se através de espasmos de origem visceral e motor. Almeida (P.77) diz que essa emoção pode ser de tamanha intensidade ao ponto de impedir a atividade do sujeito, ela é ao mesmo tempo em que eufórica, regressiva, pois os limites de sua exacerbação podem assinalar o início de sua dissolução. Segundo Wallon, há dois tipos de cólera, a centrípeta que é caracterizada pelo domínio da angústia que está dirigida ao indivíduo, e a projetiva, que se distingue pelo objeto, que pode ser o meio ou outras coisas.

O último é o medo que oposto à tristeza pode aparecer nos primeiros meses da criança, podendo ser a primeira emoção que a criança experimenta. O medo sobrevém toda vez que ocorre uma ameaça ao equilíbrio e nasce da incapacidade de reagir e da ausência de controle das atitudes. A autora ainda diz que (1999, p.93):

A emoção é o colorido necessário para a vida do indivíduo, é a visita inconveniente, a surpresa agradável ou desagradável, a expressão mais pura e desenfreada das preferências e dos desgostos do indivíduo que rebeldemente cede espaço para a realização do pensamento. (AUTOR, 200?)

A afetividade mostra-se mais complexa, uma vez que a criança é um ser inteiramente dependente do afeto e a falta desse pode acarretar problemas emocionais os quais refletem na aprendizagem. Smith (2001, p.191) acredita que a maior influência para o crescimento social e emocional de uma pessoa é a família: "Grande parte dos sentimentos das crianças sobre si mesmas e sobre outras pessoas é formada muito antes de ingressarem na escola". A falta desse vínculo afetivo da família pode gerar sérias conseqüências na aprendizagem da criança. Chamat (1997, p.22) citando Visca (1987) confirma isso ao dizer:

[...] A falta de vinculação afetiva familiar impede que a criança mobilize certo nível de pulsão para a aprendizagem, faltando-lhe o desejo de penetrar no mundo das idéias, restando-lhe o medo frente à situação de conhecimento, impedindo uma vinculação afetiva com o mesmo. (AUTOR, 200?)

Ainda que grande parte dos fracassos escolares possa ser atribuída à família, a escola, por sua vez, não pode e não deve justificar os seus próprios em nome da desordem familiar. É importante reforçar que o principal responsável pelo processo educativo e emocional da criança é a família e os pais devem saber que tem um papel crucial no desenvolvimento dela e que o problema de aprendizagem pode afetar o crescimento social e emocional de seus filhos.

A escola torna-se um agente de observação quando percebe eventuais problemas com a criança e os notifica, instruindo os pais, que por sua vez ao se depararem com o fracasso escolar de seus filhos podem sentir-se frustrados, agravando o quadro da criança quando transmitido esse sentimento a ela.

Chamat citando Pichon-Riviére e Fernandez (1997, p.34) faz uma reflexão sobre o papel dos que estão envolvidos com essa criança:

Olhar é escutar, é considerar o que acontece com a criança em permanente interação com os objetos que a cercam. Isso quer dizer que se faz impossível compreender a criança em sua dificuldade, sem uma análise do que está por trás de suas falas, e muito mais processar uma leitura de seu corpo, a maneira pela qual ele se coloca diante da tarefa, como se senta, como pega o lápis, como se envolve com o caderno ou o livro. (PICHON-RIVIÉRE E FERNANDEZ, 1997, p.34).

Chamat(1997, p.22)fala que para estudar uma criança com dificuldade de aprender, temos que conhecer o indivíduo, a família e a sociedade em que está inserido. A autora complementa afirmando que esse olhar observador é imprescindível para que o professor conheça os diferentes contextos em que seu aluno está inserido .Citando Pichon-Riviére(1980)a autora diz que as relações vinculares problemáticas podem gerar dificuldades marcantes na vinculação com o conhecimento.Esse processo é resultante de ansiedades paranóides,definido por Visca(1987) se trata dos medos internos da criança,seja a confusão,ataque ou perda,o autor diz que nesse sentido há predomínio da fantasia inconsciente sobre a realidade como está apresentada.

Exigir da criança além do que ela pode proporcionar não exigir o suficiente conforme a sua capacidade ou justificar seus atos pela presença de alguma dificuldade são meios encontrados pelos pais para suprir a falta de afetividade.

Smith alerta a escola e a família quanto a essa falta de conhecimento de como lidar com a situação, Smith (2001, p.215): Alguns aceitam a dificuldade de aprendizagem como desculpa para o mau desempenho e irresponsabilidade continuada, as crianças absorvem a impressão de que são incapazes de mudar ou de que são desamparadas muito rapidamente.

Nesse momento a escola e o professor devem ficar atentos e auxiliar os pais nesse processo de ajuda à criança. Cabe à escola orientar os pais e ao professor resgatar esse aluno procurando alternativas para auxiliá-lo. O cuidado a ser tomado se remete à confusão existente devido à falta de preparo do professor com a dificuldade encontrada pelo aluno. Nesse momento a equipe pedagógica deve mostrar-se presente para avaliar esse aluno sem pré julgá-lo por apenas uma experiência relatada. Smith recorda que as crianças são únicas e que nem sempre um atraso é sinal de deficiência (2001, p.64) "As crianças não se desenvolvem de um acordo com calendários rígido se, na maioria das áreas do desenvolvimento, existe uma gama de comportamento considerado normais".

Quando o professor identifica esses problemas, segundo Smith, tem basicamente três opções: pode providenciar um auxiliador para recuperá-lo na área deficiente, pode mudar seu método e materiais com esse aluno ou diminuir a carga imposta sobre ele. Independente da forma como esse professor trabalhará com o aluno, deve ser feito com bastante coerência buscando resgatá-lo ao invés de isolá-lo. Ao invés de responsabilizar só a criança ou a família pelo fracasso escolar, o professor deve ser um contínuo investigador para conhecer e intervir nos problemas diários que podem comprometer a formação do seu aluno.

Ele, o professor, no papel de investigador dos problemas oriundos ao longo de sua prática, deve buscar soluções a fim de prosseguir seu trabalho, o que implicará na produção de novos conhecimentos. Essa busca ajuda, inclusive, na modificação social de seu aluno, embora muitas vezes esteja limitado a um sistema que impossibilita ou dificulta sua prática pedagógica, possa imposição de regras determina atitudes que o submetem, tornando-o incapaz de provocar mudanças desejadas.

Ao pensar nesse professor como agente crítico e reflexivo, é importantes ressaltar que um profissional com tais características não deve transformar sua

prática pedagógica em uma simples execução de tarefa, e sim no desenvolvimento de uma atividade construtora da educação. O principal objetivo dessa construção deve ser a garantia de uma aprendizagem que remeta a um determinado conhecimento, que está inserido em determinado momento histórico, nisso consiste a ação pedagógica, reflete Berhens (1999, p.60) que isso leve á produção do conhecimento e que também busque formar um sujeito crítico e inovador, precisa enfocar o conhecimento provisório e relativo, preocupando-se com a focalização histórica de sua produção.

Ao pensar em conhecimento, nos remetemos ao sujeito que sofre essa ação, que é o aluno, é indispensável que conheça a criança com que irá trabalhar suas aspirações, para que só então sejam estabelecidos os objetivos que norteiam sua prática. Zabala (1998, p.40) fala um pouco como esses objetivos devem ser estabelecidos:

Objetivos de ensino úteis e significativos devem ser descritos, determinando como o aluno se comporta ou será capaz de se comportar, após o ensino. Quanto mais especificamente o comportamento do aluno é definido, tanto melhor, quando o objetivo do professor é mudar o comportamento observável do aluno, uma maneira de julgar se o objetivo foi atingido é a de observar se a mudança de comportamento ocorreu. (ZABALA, 1998, p.40)

Estabelecer objetivos é conseqüentemente organizar metas, que por sua vez necessita de constante planejamento. Pensar no sujeito que se quer formar no momento de planejar é refletir sobre uma unidade didática, a forma como se irá encaminhar o conhecimento e os momentos em que são necessárias intervenções.

Para construir o conhecimento e estabelecer objetivos, o professor deve pensar no quanto as relações interpessoais podem intervir no processo de aprendizagem de seu aluno. Os professores em geral, demonstram dificuldade e medo de lidar com situações emotivas na sala de aula, o que nos traz á memória o significado da emoção, que também aparece nesse sujeito. Almeida (1999, p.92) ainda complementa dizendo que esses profissionais não sabem lidar cognitivamente com situações emotivas e que revelam-se alvo

fácil para o aluno,que julgar dominar a situação.A autora sugere que os professores utilizem mecanismos que produzam a emoção,sendo a representação uma forte aliada para isso.A dramatização,o desenho,o relato oral são formas de reduzir essa emoção e trabalhar a aprendizagem cognitiva desse aluno.

Outra confusão citada pela autora,é achar que a emoção se reduz às expressões.Apesar de vir acompanhada de expressões,a emoção não está ligada somente a isso.Lembrando que o emocional e o afetivo são inseparáveis,o professor deve usar as emoções como fonte de energia facilitadora do conhecimento,sem esquecer-se de um importante papel que deve desempenhar,que é o vínculo sadio com seu aluno,para que este efetivamente aprenda.Chamat(1997,p.58)faz uma reflexão sobre essa relação.

Pensemos que a situação de aprendizagem deve envolver uma vinculação afetiva cristalizada entre o ser que ensina e o ser que aprende o que deve ocorrer em qualquer tipo de aprendizagem. Desta forma, a criança poderá mobilizar o mínimo possível de suas defesas e lidar de forma mais saudável com os medos e ansiedades, eliminando os obstáculos de vinculação com o conhecimento e o conseqüente aprisionamento de sua inteligência. (CHAMAT,1997,p.58).

Já falamos sobre a importância do meio social para o desenvolvimento da criança, ao professor é delegado um importante papel social, compreender seu aluno na dimensão humana onde os aspectos intelectuais, afetivos e emocionais estão presentes na manifestação do conhecimento. Almeida (1999, p.105) fala mais um pouco sobre a influência desse meio social na vida da criança. O meio social é indispensável á integração do eu.A família representa um papel singular no desenvolvimento dessa criança,o professor,por sua vez,como parceiro responsável pela administração dos conflitos é um agente necessário na trajetória de delimitação do eu.O professor,ao estabelecer uma harmonia entre a família e a escola,administrador e coordenador das emoções na sala de aula,será capaz de ajudar seu aluno que necessita de uma atenção especial.Almeida(1999,p.105 diz também que:o desenvolvimento da inteligência implica necessariamente uma evolução da afetividade.Essa

parceria na evolução é conseguida mediante a reciprocidade que existe entre ambas no início da vida.

No desenvolvimento infantil, desde pequenos, somos seres que se desenvolvem e aprendem alguns pensadores tais como Henri Wallon e Jean Piaget passaram longos períodos de suas vidas estudando o desenvolvimento da criança. Para esses autores há etapas muito claras pelas quais cada criança passa em seu desenvolvimento. Piaget acredita que a criança se faz pela interação com o ambiente, já Wallon enxerga o homem em outra perspectiva, busca compreendê-lo como um ser social e emocional, além de explicitar duas funções do desenvolvimento da personalidade humana: a afetividade que está vinculada às sensibilidade internas, regida pelo social que constrói a pessoa, e a inteligência, ligada às sensibilidade externas que é regida pelo meio físico para a construção do objeto. Para o autor a afetividade e a inteligência são inseparáveis e quando integradas podem levar a criança a atingir níveis de evolução elevados.

Galvão (1998) diz que Wallon após passar pela psicologia, filosofia e educação estuda o desenvolvimento a partir do psiquismo da criança, que se caracteriza como conjunto dos fenômenos ou dos processos mentais que podem ser conscientes ou inconscientes. Embora existam etapas de desenvolvimento, elas não são contínuas, podendo ser constantemente mudadas. Galvão (1998, p.43) apresenta o desenvolvimento da criança na visão de Wallon da seguinte forma: Que o desenvolvimento da pessoa é como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solitária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade, elas correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente.

Os estágios propostos pela psicogenética walloniana como a autora cita, revela o seguinte: o primeiro estágio é o impulso-emocional que ocorre nos

primeiros anos de vida e é caracterizada pela interação da criança com o meio, a emoção, destaque importante nessa fase, é o que intermédia a relação dessa criança com o mundo físico. Nessa fase vivida pelos bebês a afetividade é bastante perceptível, uma vez que o vínculo estabelecido com a mãe é forte, onde ele entra em contato com as cores, formas etc..., reage através de movimentos feitos com seu corpo. Essa primeira fase da criança é extremamente importante, a falta de um vínculo saudável do bebê com sua mãe, podem acarretar sérios danos para a concretização normal de cada fase, desencadeando até mesmo uma dificuldade de aprender que muitas vezes é gerada por transtornos emocionais. Chamat(1997, p.68) citando Winnicott(1975) fala sobre essa relação ao dizer que é a partir dos cuidados que o bebê recebe de sua mãe, que começa a construir sua identidade, seu modo peculiar de receber a si mesmo e, conseqüentemente, o universo que o cerca, se esses cuidados não forem satisfatórios à criança, em seu desenvolvimento, irá formar um falso "eu".

O segundo é o sensório-motor e projetivo que vai até os três anos de idade, tendo como característica principal o desenvolvimento da linguagem e função simbólica. O termo projetivo está ligado ao fato do pensamento precisar de auxílio dos gestos para exteriorizar o que se quer falar, nesse momento pode-se dizer que a criança passa a desenvolver duas funções mentais: a afetividade e a inteligência, essa passagem do afetivo para o cognitivo se dá pela maturação dos centros nervosos e seus movimentos, gestos e expressões. Segundo Almeida (1999) o desenvolvimento oscila entre movimentos, isto é, ora eles são afetivos e ora são cognitivos, sendo interdependentes entre si. Wallon citado por Almeida(1999, p.28) faz uma relação entre a emoção(afetivo) e a inteligência(cognitivo):

Assim, a emoção consiste naquilo que une o indivíduo, a vida social pode fazer de mais fundamental na sua existência biológica, e esta ligação não sofrerá ruptura, embora as reações orgânicas da emoção tendam a esvair-se à medida que a imagem das situações ou das coisas se intelectualiza. (ALMEIDA, 1999, p.28)



Para o autor a inteligência não se estabelece sem a afetividade, nem a afetividade sem a inteligência, o que se conclui que há uma relação interdependente entre essas funções.

O terceiro estágio é o personalismo que vai dos três aos seis anos. Nesse estágio o principal desenvolvimento é o da personalidade, a construção da consciência se dá pelas interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas (relações afetivas). O comportamento dominante nessa fase é o afetivo e a evolução da inteligência incorporada á afetividade, uma conquista intelectual da criança pode gerar relações afetivas complexas.

O quarto estágio que é o categorial que se dá por volta dos seis anos de vida. Os progressos intelectuais nessa fase dirigem a criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, dando maior ênfase ao aspecto cognitivo.

O último estágio que é o da adolescência a criança passa pela crise pubertária que desfaz a tranquilidade afetiva do estágio anterior, sendo necessária uma nova definição da personalidade já que são comprometidos pela ação hormonal. Almeida(1999) diz que o adolescente passa por momento de desequilíbrio e vive constantes extremos, como atração pelo outro, desprezo, egoísmo e altruísmo. Essa fase torna-se complexa devido às relações que estão sendo definidas no íntimo do indivíduo. A autora diz que a afetividade tende a tornar-se mais moral, sendo liberta organicamente por meio dos conflitos que a razão promove.

Wallon nos fala sobre o importante papel da emoção no desenvolvimento da criança lembrando que o contato das pessoas, elas são efeito de emoção e não apenas cognição. Almeida citando o autor(1999,p.31) afirma que cada etapa evolutiva amadurece e estimula a posterior, mas tudo isso depende das condições mentais e sociais que a criança possui.

Zacharias(2007)resume quatro elementos básicos que estão em comunicação: Afetividade, emoções, movimento e formação do eu. A autora acredita que a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo e que é por meio da afetividade que a pessoa demonstra seus desejos e vontades.Afirma ainda que as transformações fisiológicas de uma criança(nas palavras de Walton,em seu sistema neurovegetativo)revelam importantes traços de caráter e personalidade.

A emoção é caracterizada por ela como altamente orgânicos sentimentos como a raiva, o medo, a tristeza, a alegria e os sentimentos mais profundos possuem uma função de grande relevância no relacionamento da criança com o meio.

O movimento, Isto é, a motricidade tem um caráter pedagógico tanto pela qualidade do gesto e do movimento, quanto pela maneira com que ele é representado. A escola deve estar atenta para não manter a criança imobilizada em uma cadeira,pois isso limita fatores importantes para o desenvolvimento completo do indivíduo.

A construção do eu para a autora depende essencialmente do outro. Há maior ênfase no que é considerada por ela como a “crise de oposição”, na qual a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si própria. Segundo ela isso ocorre em torno dos três anos, quando a criança descobre o “eu”.

É preciso lembrar que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá através da construção do pensamento. É de suma importância para a construção do pensamento os conceitos de fantasia, desenvolvidos por alguns autores. Chamat (1997, p.55) fala sobre esses conceitos ao afirmar que:

[...] a importância da fantasia inconsciente para a formação e desenvolvimento do pensamento da criança, cujas origens se

encontram no processo de vinculação do bebê com a mãe, responsável pelas futuras relações objetais e a forma pela qual a criança irá perceber a realidade. (CHAMAT, 1997, p.55)

Para Piaget (1970) citado pela autora, essa percepção da realidade é constituída através da interação sujeito e objeto de forma gradativa á medida que a criança constrói novos esquemas de pensamento, através da assimilação e acomodação. Pode-se dizer ainda que os indivíduos que apresentam relações vinculares doentias terão dificuldades marcantes na vinculação com o conhecimento.

As contribuições da teoria de Wallon para a educação são inúmeras. O autor propõe que a escola reflita nas dimensões sócio-políticas e cumpra seu papel mediante as transformações da sociedade, pensando na cultura e no desenvolvimento do indivíduo, interagindo a dimensão social e individual. Se sua teoria for usada para reflexão pedagógica, pode-se usar os recursos recorrentes para construir uma prática adequada às necessidades dos indivíduos inseridos na escola, de acordo com as etapas do desenvolvimento infantil.

O professor ao deparar-se com essa teoria é levado a investigar sua prática cotidiana, além de levá-lo a buscar respostas e desvendar fatores que comprometem o desenvolvimento de seu aluno.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITES E PERSPECTIVAS**

Ao investigar quais são as dificuldades de aprendizagem causadas pela falta de afetividade entre pais e filhos concluiu-se que os conflitos, seja na relação pai/filho ou criança/família, podem gerar sérios danos á aprendizagem. Somos seres totalmente afetivos; desde que nascemos necessitamos de um vínculo sadio e a falta deles é o que pode causar transtornos emocionais que desencadeiam as dificuldades de aprendizagem.

O fato de uma criança apresentar problemas para aprender pode ser um sinal de que sua relação com o mundo que a cerca, isto é, sua relação familiar, não está proporcionando o desenvolvimento social de que necessita, pois assim como acredita Almeida (1999), o meio social é o que define a personalidade da criança, e conflitos gerados por esse, podem estagnar o desenvolvimento cognitivo esperado. Pode-se afirmar que a partir daí uma desestrutura familiar pode desencadear não só problemas de aprendizagem como conseqüências irremediáveis em seu emocional, tudo isso a uma falta de vinculação afetiva adequada.

Ao pensar em problemas e conflitos que levam a criança a apresentar um quadro de dificuldade de aprendizagem, é possível perceber que existem questões implicantes como uma separação de pais, um abandono de uma mãe, que causam grandes rupturas no cognitivo de determinadas crianças/alunos, outros problemas que podem ser diagnosticados, é a ausência de limites por parte de seus responsáveis como pais e avós, que também desautorizam os próprios filhos, a falta de vínculo afetivo da maioria dos integrantes da família, principalmente o abandono da mãe que é o fator maior que mais favorece um quadro de depressão de uma criança.

A família que é a principal formadora da criança deve estar atenta às alterações comportamentais de seus filhos, pois muitas vezes tais mudanças são decorrentes da sua estrutura.

O professor e a escola também são responsáveis pela formação do aluno, não devem isentar-se da responsabilidade perante os problemas que cotidianamente surgem e que são gritantes. Um olhar diferenciado assim como acredita Chamat(1997)é o que proporciona a constante transformação da prática, olhar esse que só ocorre quando há um comprometimento por parte dos educadores. Embora a escola tenha esse olhar atento, os familiares não buscaram a ajuda necessária o que agravou o quadro de dificuldade de aprendizagem da criança.

O desenvolvimento dos alunos pode ser considerado aquém do esperado, segundo a perspectiva de Henri Wallon, mesmo que o autor acredite que as fases não seguem uma ordem definida para todos, o desenvolvimento motor e da linguagem podem ser considerados inferiores para a sua idade. O autor, que percebe o desenvolvimento infantil voltado para o desenvolvimento das emoções, acredita que a inteligência não se estabelece sem a afetividade, nem a afetividade sem a inteligência, o que se conclui que há uma relação interdependente entre essas funções e, por isso, pode-se afirmar que os conflitos pelos quais o aluno passa são os principais fatores que o impedem de aprender. Chamat (1997, p.19) afirma:

[...] a criança não pode aprender, pois o pensar envolve também o entrar em contato com as emoções, o que ela inconscientemente deseja evitar, recalcando as emoções, conseqüentemente, estaria recalcando o pensar. (CHAMAT, 1997, p.19)

Para compreender quais as intervenções necessárias para propiciar uma aprendizagem de acordo com as necessidades desse aluno, a que tipo de tratamento ele deve ser submetido, assim como sua família, é necessário uma pesquisa mais aprofundada.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Ed.Papirus, 1999.
- ANDRÉ, M.E.D.e LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- AQUINO, Julio Groppa. **Transtornos emocionais na escola**: Alternativas teóricas e práticas. Ed.Summus, 1999.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A Psicopedagogia e o movimento do aprender**.Ed.Pulso.2006.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRHRENS, Marilda Aparecida. **O Paradigma emergente e a prática pedagógica**. Ed.Champagnat, 1999.
- CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem**. Ed. Vetor, 1997.
- DIAS, João Batista. **Avaliação escolar**: uma análise do discurso. Ed. MC Brasil, 2007.
- FLICK, Uwe. **Introdução á Pesquisa Qualitativa**. Ed.Artme, 2009.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética. Ed. Vozes, 1998.
- GAY, Martyn, VOGELS, Annick. Depressão na infância e adolescência. In AQUINO, Julio Groppa. **Transtornos emocionais na escola**: Alternativas teóricas e práticas. Ed.Summus,1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico social dos conteúdos. 14ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LUCKESI, C.Carlos, **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo,Cortez,1995.

PILLETI, Nelson. **Psicologia Educacional**. Ed.Ática, 1991.

Pimenta, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SMITH, Lisa Strick. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**.Ed.Artmed,2001.

ZABALA, Antonio. **A prática Educativa: como ensinar**. Tradução De EmanF.daF.Rosa.Porto Alegre,1998.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara.**A abordagem de Henri Wallon**.Disponível em:<<http://www.centrorefeducacional.com.br/wallon.htm>> Acesso em 10 de Junho de 2009.





